

**PREDICAÇÕES COMPLEXAS:
O USO DE PERÍFRASES VERBAIS
E DE CONSTRUÇÕES COM VERBOS-SUPORTE
E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Giselle Aparecida Toledo Esteves(UFRJ)

giselle_esteves@hotmail.com

Vinicius Maciel de Oliveira(UFRJ)

vinimaciel@oi.com.br

INTRODUÇÃO

(...) Não diga em duas palavras o que você puder exprimir em uma. (...) mencionar substitui com vantagem fazer referência (...) (Martins Filho, 1992, p. 73, grifo nosso)

Usar ou não construções complexas? Qual a posição de algumas gramáticas normativas? O que revelam alguns estudos lingüísticos sobre o assunto? A partir desses questionamentos, tencionamos apresentar entraves, avanços e algumas alternativas no que concerne à abordagem de perífrases verbais com “ir” (*vai chover, vamos ver*) e verbo-nominais com “dar” (*dar amor, dar notícia*) em alguns materiais (livros didáticos, gramáticas normativas e um manual de redação). Ademais, pautar-nos-emos em recentes pesquisas lingüísticas feitas em âmbito de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.⁹

Acreditamos que, nas aulas de Língua Portuguesa, o trabalho acerca do funcionamento de certos elementos e estruturas lingüísticos, especialmente relacionado à categorização verbal, na grande parte, gera desconfortos tanto da parte do professor como na do aluno. No primeiro, porque a obrigação contundente em ensinar a língua portuguesa das gramáticas e dos livros didáticos não permite, muitas

⁹ Esta investigação vincula-se ao projeto de pesquisa PREDICAR - *Formação e expressão de predicados complexos: Polifuncionalidade verbal*, coordenado pela Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira.

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

vezes, a observação do verdadeiro comportamento da língua e de seus componentes. No segundo, porque não compreende a necessidade de certas nomenclaturas que lhes são ensinadas sem que haja conexão com emprego efetivo dos termos aos quais se referem. Nesse sentido, temos um ensino com o sucesso comprometido, pois não colabora para a formação de cidadãos “participativos, reflexivos e autônomos” (PCN, 1998).

A ABORDAGEM DE PERÍFRASES VERBAIS E VERBO-NOMINAIS

a) em algumas gramáticas normativas

Ao tratarem de predicções verbo-nominais, Bechara (1999), Rocha Lima (1992, p. 250) e Cunha & Cintra (2001, p. 379) ignoram a função de núcleo semântico do elemento nominal (doravante *SN*) em construções perifrásticas cujos nomes auxiliam o verbo a selecionar argumentos (*dar tiros*, *dar pulos*, *dar amor*).

O verbo *dar*, em Bechara (1999), não aparece em qualquer consideração do autor quanto à noção de verbo. Conseqüentemente, o leitor, tendo em vista as definições de categorias tratadas nessa obra, pode considerá-lo como “irregular” quanto à flexão e somente como “verbo” em construções com *dar + SN* (por exemplo: *dar um lápis* – entregar um lápis, *dar origem* – originar, *dar medo* – causar medo ou amedrontar).

No que concerne ao tratamento dos auxiliares, Bechara (1999) considera os verbos *ter*, *haver*, *ser* como os auxiliares que, juntamente com o particípio do verbo principal, formam os tempos compostos que, unidos aos simples, completam o quadro da conjugação da voz ativa. *Ser*, *estar* e *ficar* combinam-se com um particípio passível de flexão em gênero e número do verbo principal para formar uma predicção na voz passiva. Há, ainda, os auxiliares acurativos (*começar a / estar para / continuar + gerúndio / estar + gerúndio / ir + gerúndio / tornar a / acabar de*), modais (*dever / poder / querer / pretender / conseguir / parecer / ir / vir*), causativos (*deixar / mandar / fazer*) e sensitivos (*ver / ouvir / olhar / sentir*).

Rocha Lima (1992, p. 250) faz menção às construções verbo + SN ao tratá-las como “conglomerados” e ao afirmar que são construções “verbo + objeto direto” que “equivalem muitas vezes a verbos simples: *ter medo a* (= *temer*), *ter amor a* (= *amar*), *fazer guerra a* (= *guerrear*), *pôr freio a* (= *refrear*), etc”. Logo, não trata devidamente a existência de predicadores complexos formados por verbo + SN, pois não considera que este elemento, apesar de não ser um predicativo do sujeito, partilha com o verbo a função de núcleo da predicação, como em “A menina deu telefonemas para a mãe” ou em “Todos têm medo da violência”.

Rocha Lima (1992, p. 134), ao arrolar os auxiliares, inclui ir (*a tarde ia morrendo*). Entretanto, assim como Cunha & Cintra (2001), o autor não reconhece a estrutura ir + verbo principal (doravante *VP*) como uma conjugação dentro de um paradigma, ou seja, Rocha Lima não concebe um futuro do presente composto. O autor afirma que ter, haver e ser são os auxiliares fundamentais e formam os tempos compostos descritos nos paradigmas.

Cunha & Cintra (2001) definem apenas três tipos de verbos quanto à função: (i) verbo principal – “um verbo de significação plena, nuclear de uma oração” (Cunha & Cintra, p. 387), (ii) verbos de ligação – “servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal (...) um elo entre este (o sujeito) e o predicativo” (*Ibidem*, p. 133), e (iii) verbo auxiliar – “desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais.” (*Ibidem*, p. 387). De acordo com essa classificação, o verbo dar nas construções do tipo dar+SN (*dar socos*) teria de ser classificado como “verbo principal” e nas expressões do tipo *dar de cantar* ou *dar para viver* como “verbo auxiliar”.

Na descrição dos verbos auxiliares, Cunha & Cintra (2001: 394-398) não consideram ir um auxiliar autêntico, e sim integrante de um grupo de verbos que podem, excepcionalmente, ser empregados como tal. Os autores comentam que ir, acompanhado de uma forma no gerúndio, indica uma ação que se realiza “progressivamente ou por etapas” (*O navio ia encostando no cais / Os convidados iam chegando de automóvel*). Segundo os autores, a construção ir +

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

infinitivo exprime “o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que será realizada em futuro próximo” (*Vou procurar um médico / O navio vai partir*). Embora Cunha & Cintra admitam o emprego de *ir* como auxiliar, nos paradigmas de conjugação, o futuro de presente do indicativo é representado apenas por formas simples (*cantarei, venderei, partirei*). Segundo os autores, a perífrase formada por *ir*, flexionado no presente do indicativo, + *infinitivo* é uma substituta para a forma simples, mais adequada à língua falada (cf. p. 460-465). Ademais, os autores, não somente se referem à construção *ir* + *infinitivo* quando analisam o futuro do presente, como também ao tratar do modo imperativo (cf. p. 480). Demonstram que, em exemplos do tipo *Não vá se afogar, moço* e *Não vá me dizer que foi o Diabo, ir* funciona como um reforço para que a noção de imperativo seja estabelecida.

b) em alguns estudos lingüísticos e em algumas gramáticas de orientação descritiva

Machado Vieira (2004) descreve *ir* conferindo-lhe duas extensões semântico-sintáticas: (i) $V_{\text{PREDICADOR}}$ (Ela **vai** ao cinema); (ii) $V_{\text{INSTRUMENTAL (AUXILIAR)}}$ (Ela **vai encontrar** o namorado). A autora afirma que um verbo pode comportar-se como um predicador e/ou como instrumental, que, por sua vez, se subdivide em ligação, suporte e semi-auxiliar ou auxiliar. Essas categorias nada mais são do que um *continuum* de gramaticalização¹⁰ que possui no pólo inicial os itens lexicais e no pólo final os itens gramaticais.

A partir desse *continuum*, a autora estabeleceu cinco graus de afastamento do pólo de auxiliaridade: (1) no primeiro grau, a autora engloba os verbos *ser, estar* e *ficar*, seguidos de particípio; (2) no segundo grau, insere *estar, vir, ir, ficar* e *andar*, aspectuais em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no gerúndio e *ir, vir* e *haver (de)* temporais em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo; (3) no terceiro grau, *poder* e *dever* modais em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo e *estar, ficar, andar, voltar*, aspectuais (acurativos), seguidos da preposição *a* em construções com $V_{\text{PREDICADOR}}$ no infinitivo; (4) no

¹⁰ Gramaticalização (Heine et alii, 1991 & Hopper, 1991) consiste no processo pelo qual formas lingüísticas consideradas lexicais passam à categoria de elementos gramaticais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

quarto grau, ter (*de*)(*que*) modal em construções com V_{PREDICADOR} no infinitivo e estar, ficar, deixar aspectuais seguidos de preposição *de*, *para* ou *por* em construções com V_{PREDICADOR} no infinitivo; e (5) no quinto grau (mais próximo do pólo da lexicalidade), tentar, querer, esperar seguidos de V_{PREDICADOR} no infinitivo, mandar, fazer, deixar e levar causativos em construções com V_{PREDICADOR} no infinitivo e ver, olhar, ouvir, sentir perceptivos/sensitivos em construções com V_{PREDICADOR} no infinitivo.

Quanto à caracterização dos verbos auxiliares, Mateus *et alii* (2003) apresentam seis critérios de auxiliaridade que se resumem a seguir:

- 1) O auxiliar não seleciona sintática nem semanticamente os argumentos, essa função fica por conta do verbo principal. ([O **menino**]_{agente} tem **feito** os trabalhos.)
- 2) Se o aglomerado verbal for de fato uma perífrase, não será possível substituir o verbo principal por uma oração completiva introduzida por *que*. (*O menino tem [**que fez os trabalhos**])
- 3) Numa perífrase, só é possível utilizar um circunstanciador de tempo, pois só existe uma oração “um domínio temporalizado” (Mateus *et alii*, 2003, p. 405). (***Hoje** o menino tem feito os trabalhos **ontem**)
- 4) Construções perifrásticas admitem apenas uma negação à esquerda do auxiliar. Já em sentenças com dois verbos lexicais, a negação pode estar, também, à esquerda do segundo verbo. (*O menino (não) tem **não** feito os trabalhos)
- 5) Se numa sentença há um auxiliar, é impossível retomar o segundo verbo por um clítico *o* ou o demonstrativo *isso*. Já em construções com dois verbos lexicais, isso é possível. (*O menino tem feito **-nos**)
- 6) Se o complexo se tratar de uma perífrase, a colocação pronominal ocorrerá em adjacência ao primeiro verbo (em ênclise ou em próclise, a depender dos itens atratores). Se houver dois predicadores, os pronomes colocam-se, em geral, como clítico em relação ao segundo verbo, embora por vezes

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

possam oscilar entre uma posição adjacente ao primeiro ou ao segundo. (O menino tem-**nos** feito)

De acordo com as autoras, em construções do tipo *ir* + infinitivo, a forma verbal à esquerda apresenta uma categorização híbrida, sendo chamado de semiauxiliar. Essa definição baseia-se no fato de que *ir*, nesse tipo de estrutura, não satisfaz a todos os critérios de auxiliabilidade levantados pelas autoras. Segundo Mateus *et alii* (2003), o comportamento de *ir* é condizente aos seguintes critérios de auxiliabilidade: impossibilidade de completiva finita, um só advérbio de tempo e uma só negação frásica (precedendo o auxiliar). Entretanto, não é aplicável ao critério que estipula a aproximação obrigatória do pronome clítico. (*O professor vai corrigir os testes hoje / O professor vai corrigi-los hoje*)¹¹.

O estudo de Oliveira (2007) mostrou que *ir* é um verbo polifuncional e pode participar na construção de diversos tipos de predicções complexas: *ir* + infinitivo (*É... no começo das férias, aí então a minha tia vai escrever, então eu passo, aí depois a gente vai*. – PEUL, Banco de Dados da Fala Infantil); *ir* + gerúndio (*Acabá com a violência. Eu acho que é o principal. Violência e as crianças na rua também que eu acho que é o principal. É: eu acho que tudo pode começá de tê tantas crianças na rua e com isso vão se marginalizando*. – PEUL, Amostra Censo); e *ir* + forma verbal flexionada (*Perto da minha casa. Aí vieram me falá que ele tava lá do outro lado do bloco, aí eu fui e atravessei assim mesmo, e os tiro trocando pra lá e pra cá*. – PEUL, Amostra Censo).

As análises qualitativas dos dados, segundo o autor, revelaram que o processo de gramaticalização de *ir* ainda não está acabado, pois há alguns contextos em que se constata um comportamento híbrido, ocasionado, entre outros fatores, pela presença de um elemento locativo (*Aí eu atravessei a rua, fui numa lanchonete comprá mate pra eu tomá aqui no trabalho...* – PEUL, Amostra Censo / *ele vai, desliga... aí a gente vai lá e começa a pintá o carro*. – PEUL, Amostra Censo). Nesses exemplos, é possível reconhecer ainda a extensão semântica de movimento do verbo *ir* (*deslocar-se para outro lugar*) e, também é possível interpretá-lo

¹¹ Exemplos retirados de Mateus *et alii* (2003, p. 315).

como verbo com papel *instrumental*, que acompanha o VP e que possibilita que a locução verbal seja substituída por uma forma sintética (*fui comprar* \cong *comprei*/ *vai começar* \cong *começará*).

Quanto à transitividade verbal, Neves (2005:25) destaca as seguintes classes principais de verbos: (i) verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado; (ii) verbos cujo objeto não é um paciente afetado; (iii) verbos que possuem um complemento não-preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado, (iv) verbos que têm complementos oracionais e (v) verbos-suporte. Ao tratar desta última classe, utiliza como exemplos as construções “*dar um grito*”, “*dar um riso*”, “*dar um beijinho*”, “*dar um chute*” e “*dar uma investida*”, afirmando que os verbos-suporte são “verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo na língua” (Mateus *et alii*, p. 53). Não se compreende, no entanto, o motivo pelo qual considera como verbos plenos (\cong principais) os sublinhados em “Eu não lhe *dera* a cacetada pelas costas” e “(...) Matatu *deu*-lhe uma facada no peito”, já que o verbo *dar* está esvaziado semanticamente (perdeu a noção primária de transferência de algo concreto), age sobre o elemento nominal, conferindo-lhe função predicante e com ele formando um todo significativo, ou seja, possui as características de *verbo-suporte*.

Mateus *et alii* (2003) classificam os verbos quanto ao papel que desempenham, baseando-se nas propriedades de seleção categorial de cada item lexical verbal. Entre as categorias verbais descritas, enfocam os verbos plenos e verbos leves (ou *verbos-suporte*).

Ao tratar dos verbos plenos, as autoras utilizam um aspecto semântico, denominando-os núcleos semânticos da oração, ou seja, “núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (número de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração)” (*Ibidem*, p. 296). Ilustram essa categoria com o seguinte enunciado com verbo *dar*: “O João *deu* um livro ao Pedro”. As autoras procuram distinguir de forma clara os verbos “plenos” dos verbos “leves”. Afirmam que estes “sofrem um processo de esvaziamento lexical – gramaticalização – que permite que o centro semântico da frase se desloque para expressão nominal” (Ma-

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

teus *et alii*, p. 312) que o acompanha. Acrescentam, ainda, que a grelha argumental que o verbo tem como verbo pleno permanece, o que mostra que o esvaziamento lexical não é completo. As autoras somente tratam de construções com verbo leve ***dar*** que apresentam uma situação eventiva do tipo transferencial, desconsiderando construções como *dar pulos* e *dar baixa*, que apresentam valor genérico de atividade, sem reter valor de transferência.

Esteves (2008) desenvolveu um estudo sobre construções com ***dar+SN***. Com base em *corpora* do Português Brasileiro e Português Europeu dos séculos XX e XXI, a autora verificou que, por participar de construções de comportamento sintático-semântico regular, o verbo “***dar***” pode ser funcionalmente categorizado em uma cadeia de gramaticalização que abarca as seguintes categorias: verbo *predicador pleno* (\cong pleno ou principal), *verbo predicador não-pleno*, *verbo predicador a verbo-suporte*, e *verbo-suporte*. Como verbo predicador (pleno ou não pleno¹²), ***dar***, além de possuir comportamento lexical na estruturação do enunciado, é o único responsável pela atribuição de papel temático ao(s) seu(s) argumentos: “Acabei ***dando*** a sacola à ele, depois ele mandou eu soltar do ônibus, e ele soltou um ponto depois.” (PB escrito, narrativa de experiência pessoal). Como *verbo-suporte*, ***dar*** apresenta uma extensão de sentido/uso de um verbo predicador e associa-se a um elemento não-verbal, partilhando com este a função de projetar argumentos e atribuir-lhes papel temático: “Ontem à noite ***deu banho*** (\cong banhou) no miúdo.” (PE, oral). Ao manifestar traços da forma fonte e da forma alvo, o verbo ***dar*** pertence a uma categoria intermediária: a categoria *verbo predicador a verbo-suporte*, que contempla os casos em que pode ser interpretado como *predicador*, o núcleo sintático-semântico da predicação, e como *verbo-suporte*, forma semi-gramatical que compartilha a função predicante com o SN que, sob atuação daquele, se torna o núcleo semântico do predicador complexo que formam (*dar respostas* \cong

¹² A diferença entre o predicador pleno e não pleno reside no fato de este ser uma extensão semântica daquele, ou seja, enquanto o *predicador pleno* apresenta significado básico de transferência de algo ***concreto***, o predicador não pleno pode apresentar transferência ***metáforica*** (Ele deu *calor* ao meu coração) ou valores não transferenciais (A falta de dinheiro *dá* (\cong causa) um problema danado).

responder ou *fornecer* respostas). Esteves (2008) também investigou a alternância (apenas em *corpora* do PB) entre predicadores complexos (*dar amor*) e verbos plenos (*amar*). Os resultados dessa pesquisa revelam a maior produtividade destes do que daqueles em relação à distribuição geral dos dados. No entanto, a análise probabilística permitiu constatar que a tendência ao emprego de predicadores complexos ocorre, principalmente, quando o falante deseja marcar alguma nuance de sentido especial (*dar um beijinho* em vez de *beijar*; *dar muita tristeza* em vez de *entristecer*) e quando a perífrase apresenta menor extensão silábica (*dar parabéns* – 4 sílabas) do que o verbo pleno (*parabenizar* – 5 sílabas).

ATIVIDADES EM LIVROS/TEXTOS DIDÁTICOS
E ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA A ABORDAGEM
DE PERÍFRASES VERBAIS E VERBO-NOMINAIS
EM AULAS DE PORTUGUÊS

Os livros didáticos, em sua grande maioria, abordam o tema sobre verbos auxiliares na seção em que se apresentam as classificações de verbos (regular, irregular, anômalo, defectivo e abundante). Nesse tipo de abordagem, a única preocupação é a de mostrar que há tempos compostos formados por um verbo auxiliar e um principal. Assim sendo, os verbos auxiliares abordados somente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Outra ausência nos livros didáticos é a de um tratamento sintático dos verbos auxiliares. Esse tipo de verbo possui comportamento sintático-semântico que pode servir de parâmetro de diferenciação dos verbos plenos/principais. Não se comenta, por exemplo, que verbos auxiliares prototípicos são incapazes de selecionar argumento e possuem informação semântica restrita – somente apresentam informações linguísticas (tempo, modo, número, pessoa etc.). O que se percebe nessas obras escolares é um reducionismo no tratamento dos auxiliares que se traduz pela idéia de que tais elementos linguísticos servem somente para formar tempos compostos e possuem quatro representantes (*ter*, *haver*, *ser* e *estar*).

O tratamento de verbos auxiliares não se restringe a uma abordagem morfológica. Ilustrar casos de polissemia com esses ele-

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

mentos lingüísticos pode ser um bom começo para anular o reducionismo comentado. Verbos como *ir*, *andar* e *passar*, por exemplo, podem tanto funcionar como verbo pleno, como auxiliar.

- (1) Os noivos foram a Paris.
- (2) Amanhã, vai chover forte.
- (3) O professor recomendou que eu andasse trinta minutos todos os dias.
- (4) Andam falando mal de você para os alunos.
- (5) Civilizações antigas passaram da Ásia para a América pelo norte do que hoje é o Alasca.
- (6) As aulas de Português passaram a ser no segundo andar.

Dependendo do desenvolvimento de uma turma, é relevante mostrar aos alunos que certos verbos, assim como outros inúmeros itens lingüísticos, passam por mudanças que podem afetar seu significado e sua função na frase (cf. processo de gramaticalização). Esse processo afetou, por exemplo, *ir*, *andar* e *passar*, visto que seus significados plenos de movimento espacial foram alterados, assim como suas funções sintáticas, de verbo predicador a verbo auxiliar.

Assim como ocorre com a abordagem de locuções verbais, cremos que ainda há certos equívocos de natureza teórica e prática no tratamento de construções com *verbos-suporte* em materiais didáticos.

Em Carneiro (2001), em uma das atividades que aborda diferentes empregos de dar, há a seguinte instrução: “Substitua o verbo dar, nas frases a seguir, por outro verbo de sentido equivalente.”. São apresentadas dez frases que não estão inseridas em algum contexto interacional. Acredita-se que uma atividade como essa poderia levar em conta o tema da adequação do emprego de termos em diferentes contextos situacionais, explorando a polifuncionalidade do verbo dar.

Em outra atividade, o autor apresenta o seguinte comando: “Substitua as expressões destacadas por um só vocábulo de valor equivalente”. A maioria das expressões apresentadas na frase são construções com dar na categoria de *verbo-suporte* (*dava conta, deu fim, deu as costas*, entre outras). Novamente, o fato de o autor ter

exposto frases desprovidas de contextos situacionais gera a dificuldade de abordar a questão da adequação lingüística na construção de textos. Ao observar as respostas sugeridas pelo “livro do professor”, percebemos que a expressão “deu no pé” parece pertencer a um contexto menos formal (cf. adequação à situação de comunicação sobre a qual o autor trata no mesmo capítulo) e, por isso, seria mais indicado substituí-la por *escafedeu-se*, o emprego mais informal dentre as três possibilidades sugeridas, e não por *fugiu* e *escapou*, cujo registro parece ser neutro (cf. adequação ao ponto de vista) e que não indicam, por si só, traço de formalidade ou de informalidade. Esse tipo de discussão somente poderia ser enfocada se diferentes contextos discursivos fossem apresentados.

Nicola (2006) é um livro didático que apresenta a definição de *verbo-suporte* como verbos que “podem ser empregados como suporte sem conteúdo semântico, transferindo toda a carga significativa ao seu complemento”. Apresenta como exemplo as construções *deu uma olhada nas vitrines da galeria comercial*, *temos conhecimento do assunto* e *fizemos uma distinção entre titulados e não titulados*. Não parece ser coerente afirmar que esses verbos transferem “toda a carga significativa ao seu complemento”, visto que, no primeiro exemplo, *dar uma olhada* significa *olhar* rapidamente para as vitrines e é possível detectar nesta ação ainda uma transferência, mesmo que metafórica, visto que o sujeito destina ou transfere sua visão para um determinado elemento (neste caso, as vitrines). Da mesma forma, em *ter conhecimento*, o verbo *ter*, ainda que metaforicamente, pode indicar a posse de algo bastante abstrato – o conhecimento. Vale lembrar que a permuta de *ter* por *tomar* acarretaria uma perífrase de sentido distinto, resultante da articulação da carga semântica que ainda permanece no *verbo-suporte* com o valor do nome que a este se alia. Observa-se também que o autor apenas envolve o critério semântico na definição do termo, desconsiderando o fato de que, diferentemente de um *verbo predicador*, o *verbo-suporte* partilha com o elemento não verbal a função de projetar argumentos.

A descrição proposta na obra destaca um aspecto positivo – os efeitos de sentido que as expressões com verbos-suporte podem apresentar. Comenta que o emprego dessas construções pode colaborar para formar enunciados informais e que o SN de *dar uma risada*

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

nha, no contexto apresentado¹³, “pode revelar acanhamento, ironia, menosprezo”. Ademais, afirma:

Se, no lugar de “deu uma risadinha”, tivéssemos a forma **riu**, mesmo com advérbios que a modifiquem e intensifiquem (riu ironicamente, riu de modo acanhado, etc.), não seriam possíveis as entrelinhas sutis de significação: Aqui ela não **riu**. (indica que não efetuou a ação de rir).

Acredita-se que o autor ainda poderia usar os exemplos “dei uma olhada”, para comentar as funções ligadas ao aspecto verbal (mais momentâneo), e “fizeram uma distinção”, para discutir sobre a valência (a depender do contexto, não há necessidade de detalhar o complemento “entre titulados e não titulados”). Além disso, poderiam ser contempladas expressões com *verbos-suporte* cujo equivalente verbal não é cognato ao elemento não verbal da perífrase, tais como *dar conta do trabalho* e *dar as costas*. Nessa obra, encontrou-se apenas um exercício em que o emprego de verbo-suporte foi considerado.

8) Compare os pares e comente suas sutis diferenças de significação, ênfase, aspecto.

b) I. Fotografaram o momento da votação de Celina Guimarães Viana.

II. Tiraram uma foto histórica do momento da votação de Celina Guimarães Viana.

Essa proposta de exercício está coerente com o que o autor enfatiza na parte teórica de seu texto – algumas funções semântico-discursivas. Será muito produtivo que os alunos exponham suas impressões acerca do emprego dos pares acima na constituição do discurso. Devem, provavelmente, perceber a versatilidade sintática da perífrase (possibilidade de inserção de elementos – *uma/histórica*) e a diferença de seu sentido em relação ao verbo “fotografaram”. Logo, é possível que os alunos comentem, em relação ao trecho II, que um indivíduo que ouve ou lê esse trecho pode compreender que apenas uma foto foi batida (e não duas, três...), enquanto uma pessoa pode interpretar a ação presente no trecho I como “muitos fotografaram”, ou seja, a ação resultou em várias fotografias.

¹³ Contexto situacional: (...) A atriz australiana contou que, quando adolescente, fez o mesmo pelo grupo musical Abba (sim, ela disse Abba, mas deu uma risadinha (grifo nosso) depois de pronunciar esse nome) e pelo ator Mel Gibson (aqui ela não riu). Ainda disse se lembrar de que, ao ver Gibson passar, gritou para as amigas: “Meu Deus, ele olhou pra mim”.

Diferentemente dos autores citados, que dão espaço para o ensino/reflexão sobre o emprego de predicções complexas, em Martins Filho (1992), um manual de redação e estilo do jornal *O Estado de São Paulo*, encontram-se, entre outras, as seguintes recomendações:

Entre os chavões mais freqüentes, estão as **locuções e combinações invariáveis de palavras** (sempre as mesmas, na mesma ordem) que também **comprometem o texto**. Neste caso se enquadram ainda as frases feitas que, embora originárias da literatura pó pular (dar a volta por cima, por exemplo), **terminam por se repetir à exaustão**, produzindo o mesmo efeito do lugar comum. Eis os principais exemplos: (...) dar com burros n'água, dar mão forte a, dar o último adeus (...) (Martins Filho, 1992, p. 49, grifo nosso)

Na verdade, compreende-se o autor quando critica a “repetição”, pois se acredita que o usuário da língua deve buscar ser coerente em seus textos e, especialmente naqueles pertencentes a gêneros formais, a repetição pode se tornar um aspecto negativo. No entanto, não se compartilha a idéia de evitar ou banir determinadas expressões ou verbos da língua, pois seu emprego pode estar relacionado a alguma necessidade discursiva e, portanto, adequado à situação comunicativa em que se inserem. Além disso, no caso de expressões com *verbos-suporte*, deve-se atentar para os seguintes aspectos: (i) o emprego do que o autor denomina frases feitas (*dar a volta por cima*) não está vinculado necessariamente a textos de registro informal, de origem popular, podendo haver diversas construções (como *dar conta*, *dar sorte*, *dar baixa*, etc.) adequadas a gêneros textuais formais e informais sem que o *bom português* seja comprometido; e (ii) o emprego de verbos polissêmicos/polifuncionais como ***ter***, ***fazer*** e ***dar*** com acepções distintas de, respectivamente, “possuir”, “construir” e “entregar” não empobrece a língua, pois decorre de um processo natural de expansão do uso que, muitas vezes, pode favorecer o esvaziamento de significado e, conseqüentemente, a mudança categorial do item, de *verbo predicador* para *verbo-suporte*.

Acreditamos que uma das formas de encaminhar a reflexão de predicções complexas compostas por *ir+VP* e por *dar+SN* é solicitar que os alunos opinem sobre sentidos dessas construções em determinados contextos discursivos. Dessa forma, os alunos poderão: (i) compreender a noção de significado básico de ambos os verbos, (ii) analisarem as características sintáticas (valência quantitativa) e

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

semânticas (acepção e tipos de argumentos selecionados) de *ir* e *dar* em cada contexto, (iii) avaliar a aplicação de testes sintático-semânticos que auxiliam a identificar o grau de auxiliardade de *ir*, e (iv) sistematizar todas as características encontradas dos dois verbos para que compreendam a atuação de *dar* como *verbo predicador pleno*, *verbo predicador não pleno*, *verbo predicador a verbo-suporte* e *verbo-suporte* e o emprego de *ir* como *verbo predicador pleno*, *verbo predicador não pleno* e como *verbo auxiliar*. A seguir, encontram-se algumas situações comunicativas para a aplicação dessa atividade:

A) Uma conversa entre duas amigas

Amiga 1: Você esperou seu namorado por uma hora?

Amiga 2: Claro que não! *Deu* três horas quando eu me arru-me e fui à festa.

B) Um testemunho para a igreja

Eu era um rapaz muito bagunceiro... muito, saía muito... *dava* muito desgosto à minha mãe.

C) Notícia – *Jornal do Brasil*

O delegado, tendo ontem denúncia de que, na Gamboa, se achava um homem de nome José Vieira Pinto, que diziam ser o protagonista do crime de Copacabana, *deu* ordens, para que se descobrisse tal indivíduo.

D) Entrevista com uma jornalista

Entrevistador) Pelas andanças no mundo e conversas que você vem tendo, dá para apontar quais as tendências para o jornalismo?

Jornalista entrevistada) Mas até então, para os jornalistas, publicar era um ponto final no trabalho. Não é mais. Precisam *dar* conta do desencadeamento da conversa pública que é gerada a partir desta informação que eles mesmos publicaram... Isso não me parece ruim. Por que seria? Temos que repensar uma rotina jornalística, e isso é ótimo!

E) Entrevista com um torcedor

*O bicho da mala preta passou lá minha filha, comprou ele!!
Deu o dinheiro pra ele então... a gente não foi classificado, tá
entendendo? A gente não **foi** pra final.*

F) Um adolescente de dezoito anos numa entrevista de emprego

Eu fiz muitas tarefas de confiança. Eu costumava fazer serviços no computador como digitação, preparar as encadernações e mais. Numa vez, eu **fui** retirar dinheiro para o chefe no banco.¹⁴

A partir dessa atividade, outros contextos discursivos podem ser apresentados para focar outra questão – a permuta dessas construções por predicadores simples. A pergunta central que poderia ser feita aos alunos é a seguinte: (i) com predicções *dar+SN* – “É possível substituir a construção com verbo **dar** por um verbo cognato ao substantivo (SN) dessa construção e, ainda assim, manter as características do contexto discursivo apresentado?”¹⁵ Por quê?”, e (ii) com predicções *ir+VP*: “É possível substituir a construção *ir+VP* pelo verbo predicador simples correspondente com as marcas desinenciais de futuro e ainda manter as características do contexto apresentado?”. Exemplos de contextos discursivos para essa atividade:

A) Depoimento escrito para o autor de um artigo científico acerca do filme que desenvolveu para área de odontologia. (texto adaptado)

Gostaria de ***dar-lhe parabéns*** pelo filme, muito didático, e muito bem desenvolvido. Gostaria de saber se poderia utilizá-lo em uma apresentação sobre PCR em tempo real, a ser mi-

¹⁴ Situação A) deu – verbo predicador não pleno (≅ bateu); B) dava – verbo predicador não pleno (≅ causava/gerava); C) deu – verbo predicador a verbo-suporte (valor híbrido); D) dar – verbo-suporte; E) foi – verbo predicador não pleno (movimento no tempo e não no espaço); F) fui – verbo auxiliar com emprego “híbrido”.

¹⁵ Na verdade, é possível discutir/analisar o emprego de outras formas linguísticas para veicular sentidos semelhantes aos da perífrase *dar+SN* e ao do verbo pleno cognato. Esse procedimento pode ocorrer de acordo com as possibilidades encontradas nos contextos discursivos. Por exemplo, no texto B, o emprego de “dar um beijinho”, de “beija” e de “tascar beijos” pode ser alvo de uma discussão que enfoque as nuances semântico-discursivas atingidas pelo uso de cada uma das três formas no contexto apresentado.

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

nistrada Fiocruz, em outubro. Caso seja possível, gostaria de saber como fazer para salvar a apresentação. Grata.

Mestranda-Ciência de Alimentos
Instituto de na Química/ UFRJ

B) **Notícias** (site:

<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,AS0-9798,00.html> –
Acesso em abril de 2008)

Conheça as celebridades que só querem saber de trocar selinhos

Rodrigo Scarpa, o repórter Vesgo, não perde uma oportunidade de tentar ***dar um beijinho*** em seus entrevistados (...) O que parecia ser apenas uma moda virou rotina entre as celebridades. O caso mais recente aconteceu no aniversário de Mauricio Mattar e no show de Preta. Os dois tascaram beijos em seus convidados.

C) **Manchete de uma notícia**

Vamos *Flusão!* **Vamos Ganhar!** (site:

<http://www.globoonliners.com.br/icox.php?mdl=mensagem&op=ver&idcom=8&id=765> – Acesso em maio de 2008).

D) **Um informante contando sua infância para um entrevistador**

*Isso. E eu passei a morar com a minha avó e com o meu pai. Porque meu pai **ia trabalhar** e me deixava com a minha avó... e aí chegava de noite, ele me (“pegava”). Pegava eu- Pegava eu e meu irmão.* (PEUL – Amostra Censo).

Ressalta-se que as atividades aqui utilizadas como ilustração de possibilidades de trabalho com predicções complexas (locações verbais ou expressões verbo-nominais) podem (e *devem*) ser alvos de reelaboração, levando-se em conta, entre outros aspectos, a seleção de gêneros textuais condizentes com os interesses e com as necessidades dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 2001, p. 160-182.

CUNHA, Celso & Cintra, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 14-28 e 89-121.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. A Conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. **In:** TRAUGOTT, E.C. e HEINE, B (eds.). *Approaches to grammaticalization*, v: I. Philadelphia, John Benjamins Company, 1991, p. 16-35.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

———. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. **In:** VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: In-Fólio. p. 65-96, 2004.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo*. 2ª ed. São Paulo: Maltese, 1992.

MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

LIVRO DOS MINICURSOS EXTRAS

MENDONÇA, Márcia. Análise lingüística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: MENDONÇA, M. & BUNZEN, Clecio (orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000, p.53-61.

NICOLA, José de. *Língua, literatura e produção de texto*. 1ª ed, v. 2, São Paulo: Scipione, 2006.

OLIVEIRA, M. R. & CEZARIO, Maria Maura. *PCN à luz do funcionalismo lingüístico*. Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v10n1/03Maria.pdf> Acesso em janeiro de 2008.

OLIVEIRA, Vinicius Maciel de. Caracterização do comportamento sintático-semântico do verbo *ir*. Artigo publicado nos *Anais do XIV Congresso da ASSEL-RIO e III ENLETRARTES*, Campos, 2007 (publicação em cd-rom. ISBN: 978-85-98790-05-3).

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.